

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA EM CASOS DE AUTISMO: CONCEITOS, FERRAMENTAS DE AVALIAÇÃO E DIAGNÓSTICO

BEHAVIOR ANALYSIS APPLIED TO CASES OF AUTISM: CONCEPTS, ASSESSMENT AND DIAGNOSTIC TOOLS

ANÁLISIS DE CONDUCTA APLICADO A CASOS DE AUTISMO: CONCEPTOS, EVALUACIÓN Y HERRAMIENTAS DE DIAGNÓSTICO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2025.028-002>

Edna Almeida Guimarães

Pós-graduanda em Análise do Comportamento Aplicado – ABA.

RESUMO

O estudo analisa a definição, os conceitos e as ferramentas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no diagnóstico e tratamento de casos de Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase em práticas baseadas em evidências. Utilizando uma metodologia bibliográfica qualitativa, revisou-se a literatura nacional e internacional para identificar instrumentos eficazes, explorar suas aplicações e avaliar os impactos na qualidade de vida dos pacientes. Instrumentos como o ADI-R, ADOS e CARS demonstraram elevada precisão diagnóstica e contribuição significativa para a detecção precoce do TEA, enquanto a ABA se destacou pela capacidade de modificar comportamentos e promover a funcionalidade e integração social. Os resultados indicam que a aplicação de protocolos validados e intervenções sistemáticas pode suprir lacunas no diagnóstico e no tratamento, especialmente no contexto brasileiro. Conclui-se que o avanço na capacitação profissional e na validação local de ferramentas é essencial para garantir intervenções mais precisas e inclusivas, reforçando a importância da abordagem interdisciplinar e personalizada no atendimento a indivíduos com TEA.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Análise do Comportamento Aplicada. Diagnóstico. Tratamento. Qualidade de vida.

ABSTRACT

This study analyzes the definition, concepts, and tools of Applied Behavior Analysis (ABA) in the diagnosis and treatment of Autism Spectrum Disorder (ASD), with an emphasis on evidence-based practices. Using a qualitative bibliographic methodology, both national and international literature were reviewed to identify effective instruments, explore their applications, and assess their impact on patients' quality of life. Tools such as the ADI-R, ADOS, and CARS demonstrated high diagnostic accuracy and significant contributions to the early detection of ASD, while ABA stood out for its ability to modify behavior and promote functionality and social integration. The results indicate that the application of validated protocols and systematic interventions can address gaps in diagnosis and treatment, especially within the Brazilian context. It is concluded that advancements in professional training and local validation of tools are essential to ensure more accurate and inclusive interventions, reinforcing the importance of an interdisciplinary and personalized approach in supporting individuals with ASD.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Applied Behavior Analysis. Diagnosis. Treatment. Quality of Life.



RESUMEN

Este estudio analiza la definición, conceptos y herramientas del Análisis Conductual Aplicado (ABA) en el diagnóstico y tratamiento del Trastorno del Espectro Autista (TEA), con énfasis en las prácticas basadas en la evidencia. Utilizando una metodología bibliográfica cualitativa, se revisó la literatura nacional e internacional para identificar instrumentos eficaces, explorar sus aplicaciones y evaluar su impacto en la calidad de vida de los pacientes. Herramientas como el ADI-R, el ADOS y el CARS demostraron una alta precisión diagnóstica y contribuciones significativas a la detección precoz del TEA, mientras que el ABA destacó por su capacidad para modificar el comportamiento y promover la funcionalidad y la integración social. Los resultados indican que la aplicación de protocolos validados e intervenciones sistemáticas puede abordar las lagunas en el diagnóstico y el tratamiento, especialmente en el contexto brasileño. Se concluye que los avances en la formación profesional y la validación local de herramientas son esenciales para garantizar intervenciones más precisas e inclusivas, reforzando la importancia de un enfoque interdisciplinario y personalizado en el apoyo a las personas con TEA.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Análisis aplicado de la conducta. Diagnóstico. Tratamiento. Calidad de vida.



1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um grupo de condições de neurodesenvolvimento caracterizado por déficits em interação social, comunicação e padrões de comportamento restritos e repetitivos. Segundo o DSM-5 (2014) e a CID-11 (2022), essas manifestações podem variar em intensidade e impacto funcional, o que torna essencial uma abordagem diagnóstica detalhada e precisa para identificar o transtorno e planejar intervenções adequadas. Conforme Oliveira, Martins e Fachin (2024) crescente prevalência do TEA em diversos países, incluindo o Brasil, evidencia a necessidade de práticas baseadas em evidências para melhorar a qualidade de vida das pessoas afetadas e de suas famílias.

Nesse contexto, a Análise do Comportamento Aplicada (ABA) emerge como uma ciência fundamentada no behaviorismo radical, proposta por B.F. Skinner, que visa compreender, modificar e generalizar comportamentos socialmente relevantes (Alves; Ganen; Corrêa, 2024). A ABA utiliza metodologias experimentais e sistemáticas para avaliar e intervir no comportamento humano, apresentando resultados eficazes em contextos educacionais, clínicos e terapêuticos, especialmente para indivíduos com TEA (Sousa et al., 2020).

O tema deste estudo se delimita na análise das ferramentas de rastreio e diagnóstico utilizadas na identificação do TEA. O problema central investigado é: quais instrumentos de avaliação comportamental e diagnóstica se mostram mais eficazes no contexto brasileiro para intervenções baseadas em ABA?

Como hipótese, considera-se que a adoção de ferramentas validadas, como o ADI-R, ADOS e CARS, combinada com intervenções sistemáticas da ABA, pode promover avanços significativos na detecção precoce e tratamento do TEA, melhorando a funcionalidade e a integração social dos indivíduos diagnosticados.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a definição, os conceitos e as ferramentas da Análise do Comportamento Aplicada no diagnóstico e tratamento de casos de TEA. Especificamente, busca-se identificar instrumentos eficazes, explorar suas aplicações e avaliar os impactos das práticas baseadas em evidências na qualidade de vida dos pacientes.

Este estudo é relevante por contribuir para a ampliação do conhecimento científico acerca das intervenções comportamentais no TEA, auxiliando profissionais e famílias no enfrentamento das dificuldades associadas ao transtorno. Além disso, visa suprir lacunas de diagnóstico e tratamento, especialmente em países em desenvolvimento, como o Brasil.

A metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, com revisão de literatura fundamentada em estudos nacionais e internacionais sobre ABA e TEA. Dessa forma, espera-se consolidar informações que possam subsidiar a prática clínica e fomentar o debate acadêmico sobre o tema.

2 EVOLUÇÃO DO CONCEITO E DIAGNÓSTICO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O TEA é uma condição que apresenta desafios complexos e interdisciplinares em sua compreensão e diagnóstico. O termo "autismo" foi inicialmente utilizado em 1906 por Plouller, mas foi em 1911 que Eugene Bleuler o associou à perda de contato com a realidade devido a comprometimentos na comunicação interpessoal. Contudo, os estudos de Leo Kanner, em 1943, foram determinantes para a consolidação do conceito moderno de autismo, ao descrever casos com características únicas, como incapacidade de estabelecer vínculos afetivos, comportamentos repetitivos e ecolalia, chamando o quadro de “transtorno de contato afetivo autista” (Alves; Ganen; Corrêa, 2024).

Kanner contribuiu significativamente ao propor que o autismo pudesse ter origens biológicas, considerando hipóteses relacionadas a disfunções bioquímicas, genéticas ou neuropsicológicas. Essa abordagem representou um avanço na compreensão do transtorno, afastando-se de explicações puramente ambientais ou psicológicas predominantes à época (Chag et al., 2023).

Ao longo das décadas, os critérios diagnósticos do autismo passaram por mudanças importantes, refletidas nos principais manuais de diagnóstico, como o DSM e a CID. Inicialmente, o autismo era associado a outras condições, como esquizofrenia infantil, mas foi sistematizado pela primeira vez na CID-6. Apenas em 1977, com o trabalho de Robert Spitzer, houve uma separação mais clara entre autismo e outras psicopatologias, consolidando-o como um transtorno distinto. Com a publicação da CID-10, em 1993, o autismo foi classificado como um transtorno invasivo do desenvolvimento, caracterizado por anormalidades na interação social, comunicação e interesses restritos (Alves; Ganen; Corrêa, 2024).

O DSM-5, publicado em 2014, trouxe mudanças significativas ao diagnóstico do TEA. Este manual unificou subdiagnósticos anteriormente separados, como a síndrome de Asperger, sob a categoria única de transtorno do espectro autista. Essa mudança reflete a adoção do conceito de “espectro”, que reconhece uma ampla variação nos sintomas e nas severidades. Segundo o DSM- 5, o diagnóstico de TEA requer déficits persistentes na comunicação social, padrões repetitivos de comportamento e prejuízo no funcionamento diário, com manifestações desde a primeira infância.

Uma inovação importante no DSM-5 foi a inclusão de hiper ou hipo-reatividade sensorial como critério diagnóstico, ampliando a compreensão das experiências sensoriais peculiares que muitas pessoas com TEA apresentam. Essa abordagem multidimensional também foi incorporada à CID-11, lançada em 2022, que unificou os transtornos do espectro autista em um único código diagnóstico, promovendo maior alinhamento entre as classificações internacionais.

Essas mudanças nos critérios diagnósticos refletem os avanços nas pesquisas sobre o TEA e a necessidade de adaptações contínuas para abarcar as múltiplas dimensões dessa condição. O trabalho de Leo Kanner e de outros pesquisadores pioneiros lançou as bases para a moderna psiquiatria infantil, possibilitando o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para o diagnóstico e a intervenção. Com isso, o TEA passou a ser entendido não como uma patologia estática, mas como um espectro que exige abordagens personalizadas e interdisciplinares (Chag et al., 2023).

3 DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL E ANÁLISE DE COMPORTAMENTO NO CONTEXTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se tornado mais desafiador em função da ampliação dos critérios diagnósticos, conforme descrito no DSM-5 (2014), e da sobreposição de sintomas com outros transtornos. Montenegro, Celeri e Caselli (2018) destacam que, embora a forma típica do TEA seja facilmente reconhecida por profissionais experientes, é essencial atentar-se a outras disfunções genéticas, neurológicas e sensoriais que podem apresentar características similares, evitando discordâncias diagnósticas.

Entre os transtornos que devem ser descartados no diagnóstico diferencial estão a Síndrome de Rett, caracterizada por uma regressão no desenvolvimento motor e cognitivo após um período inicial de desenvolvimento normal; o mutismo seletivo e a ansiedade de separação, que podem incluir problemas de comunicação e ansiedade similares aos encontrados no TEA; os transtornos de linguagem e o transtorno da comunicação social (pragmática), que apresentam dificuldades na interação social sem os padrões restritivos e repetitivos típicos do TEA; a deficiência intelectual sem TEA, na qual a dificuldade está no desenvolvimento global sem as características específicas do espectro autista; o transtorno do movimento estereotipado, que compartilha comportamentos repetitivos, mas sem comprometimento social significativo; o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), que pode incluir problemas de atenção e hiperatividade; e a esquizofrenia, que em adolescentes pode incluir retraimento social e dificuldades de comunicação, porém com características psicóticas distintas. A realização de um diagnóstico diferencial minucioso é essencial para garantir a precisão do diagnóstico e a escolha das intervenções mais adequadas (Chag et al., 2023).

A Análise de Comportamento é um campo interdisciplinar que combina uma base filosófica no Behaviorismo Radical com métodos científicos de estudo e aplicação. Conforme Sella e Ribeiro (2018), ela pode ser compreendida como um campo de estudo, englobando as áreas teórica e prática; como disciplina, fundamentada no Behaviorismo Radical e na Análise Experimental do Comportamento (EAB); e como prática, envolvendo a prestação de serviços em contextos aplicados, como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

Baer, Wolf e Risley (1968), mencionados por Sella e Ribeiro (2018), delinearão sete dimensões fundamentais da ABA, que devem ser consideradas no desenvolvimento de intervenções. Essas dimensões incluem a aplicação, com foco em comportamentos relevantes socialmente; a ênfase no comportamento, centrando-se no que o indivíduo faz e no comportamento de quem conduz a intervenção; a análise, que busca comprovar que mudanças no comportamento decorrem da intervenção; a descrição tecnológica, que deve ser detalhada e clara para ser replicável; a fundamentação conceitual, que utiliza linguagem precisa e teórica; a eficácia, que exige resultados significativos e mensuráveis; e a generalização, que busca garantir que os resultados persistam ao longo do tempo e em diferentes contextos e comportamentos.

No contexto do TEA, a ABA se destaca por sua base em métodos experimentais e sistemáticos de mensuração do comportamento, sendo reconhecida como uma prática baseada em evidências (Carvalho Filho, 2019). Wolf, Lovaas e Green são figuras importantes nesse campo, contribuindo para a sistematização e disseminação da ABA e pela luta pelos direitos das pessoas com TEA (Sella; Ribeiro, 2018). Assim, a aplicação da ABA no contexto do TEA representa uma abordagem científica e estruturada, promovendo intervenções que são efetivas, replicáveis e ajustáveis às necessidades individuais de cada cliente, reforçando a importância de um diagnóstico preciso e de intervenções baseadas em evidências.

4 INSTRUMENTOS E MÉTODOS DE DIAGNÓSTICO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A identificação de episódios suspeitos deste transtorno pode ser baseada na observação comportamental conforme os critérios dos sistemas de categorização ou pela aplicação de ferramentas validadas e confiáveis, que permitem ao profissional elaborar um perfil detalhado das características de desenvolvimento da criança (Jenabi *et al.*, 2022).

Na literatura internacional, dois instrumentos são amplamente reconhecidos como padrão-ouro para o diagnóstico: o Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) e o *Autism Diagnostic Observation Schedule-Generic* (ADOS), ambos ainda em processo inicial de validação no Brasil (Chag *et al.*, 2023).

O ADI-R, ou Entrevista Diagnóstica para Autismo-Revisada, é uma entrevista semiestruturada aplicada aos pais ou responsáveis, composta por 93 itens divididos em seis seções: informações gerais sobre o paciente e sua família; desenvolvimento inicial e marcos de desenvolvimento; tríade de deficiências conforme os critérios do DSM-IV; e problemas gerais de comportamento. A aplicação, realizada por especialistas treinados e experientes, tem duração estimada de 1,5 a 2,5 horas (Jenabi *et al.*, 2022).

De acordo com Namur (2019), o ADOS é um protocolo padronizado para observação do comportamento social em contextos comunicativos naturais, organizado em quatro módulos que atendem crianças com diferentes níveis de desenvolvimento da linguagem. Durante a avaliação, as crianças interagem por meio de atividades padronizadas que simulam situações sociais, comunicação e brincadeiras, cujos comportamentos são registrados e pontuados. Os Módulos 3 e 4 são especialmente indicados para a avaliação verbal de crianças com alto funcionamento e suspeita de TEA, incluindo casos de síndrome de Asperger.

O ADOS atual, anteriormente conhecido como ADOS-Genérico, representa uma atualização dos dois instrumentos anteriores: o ADOS original e o ADOS pré-linguístico (destinado a crianças com pouca ou nenhuma fala). Este instrumento foi expandido para cobrir uma gama mais ampla de idades e níveis de desenvolvimento, superando suas versões anteriores (Chag *et al.*, 2023). Sua aplicação leva cerca de 30 a 45 minutos e apresenta alta sensibilidade (90% a 97%) e especificidade (87% a 93%). Contudo, surgiram algumas preocupações sobre a possibilidade de o ADOS superidentificar crianças muito pequenas com Transtorno do Desenvolvimento Global (GDD) ou crianças mais velhas com deficiências intelectuais graves. O treinamento especializado é imprescindível para pesquisadores e altamente recomendado para profissionais da saúde (Namur, 2019).

A Escala de Avaliação do Autismo Infantil (CARS) é uma ferramenta composta por 15 itens que auxilia no diagnóstico e na diferenciação entre o autismo e outros distúrbios do desenvolvimento. Sua principal função é avaliar o nível de comprometimento das crianças com autismo. O CARS é rápido e adequado para crianças a partir de 2 anos. Criada ao longo de 15 anos, essa escala é baseada nos critérios diagnósticos de Kanner (1943), Creak (1961), Rutter (1978), Ritvo & Freeman (1978) e no DSM-III (Silva; Pansera, 2023).

A segunda edição revisada do CARS2 ampliou o alcance clínico do instrumento, tornando-o mais sensível a indivíduos com habilidades verbais mais desenvolvidas e déficits sociais e comportamentais mais sutis. Apesar de manter a simplicidade e clareza da versão original, o CARS2 agora inclui novos formulários e recursos que ajudam a integrar as informações diagnósticas, avaliar as habilidades funcionais, fornecer feedback aos pais e planejar intervenções mais direcionadas (Jurek *et al.*, 2021).

O *Autism Behavior Checklist* (ABC), criado por Krug *et al.* (1980), é uma lista de 57 comportamentos anômalos que auxiliam na triagem de crianças com suspeita de TEA. No Brasil, foi traduzido, adaptado e pré-validado com o nome *Inventory of Autistic Behaviors* (ICA) por Marteleto e Pedromônico (2005). Este instrumento foi desenvolvido para ajudar na identificação de crianças com sinais de autismo e é comumente utilizado para o diagnóstico diferencial, encaminhando as

crianças para tratamentos apropriados. O ABC faz parte de um dos cinco subtestes que compõem o ASIEP-2 e é frequentemente empregado no diagnóstico precoce de autismo (Pontes, 2022).

O Questionário de Comunicação Social (SCQ), anteriormente conhecido como *Autism Screening Questionnaire* (ASQ), foi desenvolvido por Rutter e Lord e consiste em uma série de 40 questões respondidas pelo cuidador principal de crianças a partir de 4 anos. Derivado da versão revisada do *Autism Diagnostic Interview* (ADI) (Jenabi *et al.*, 2022), o SCQ é uma ferramenta focada na avaliação de crianças com alto risco de problemas de desenvolvimento, fornecendo um diagnóstico com base na análise de comportamentos organizados em três áreas de funcionamento: interação social mútua, linguagem e comunicação, além de padrões repetitivos e estereotipados de comportamento (Karlova *et al.*, 2024).

O Perfil Psicoeducacional Revisado (PEP-R), criado por Schopler *et al.* (1990, *apud* Frizzo; Freire, 2020), é uma ferramenta utilizada para medir a idade de desenvolvimento de crianças com autismo ou distúrbios de comunicação. O PEP-R surgiu da necessidade de identificar padrões irregulares de aprendizagem, para elaborar um planejamento psicoeducacional fundamentado nos princípios do modelo Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Deficiência de Comunicação (TEACCH). O PEP-R é composto por duas escalas: a primeira, voltada para o desenvolvimento, foi baseada em normas empíricas que refletem o desempenho de crianças norte-americanas com desenvolvimento típico, enquanto a segunda, relacionada ao comportamento, foi inspirada na CARS de Schopler e nos critérios de Creak (Canal; Silva, 2022). O TEACCH começou como um projeto de pesquisa universitária e, devido aos resultados práticos, transformou-se em um modelo de intervenção adotado em diversos países e culturas. Na década de 1960, quando o TEACCH surgiu nos Estados Unidos, o paradigma behaviorista dominava. Seus princípios teóricos, aplicados também na psicolinguística, visam compensar os déficits de comunicação típicos do transtorno, utilizando recursos visuais, como pictogramas e fotografias, para facilitar a compreensão. A constante atualização das descrições comportamentais, o uso de programas estruturados e intensificadores de comportamento refletem as influências do modelo behaviorista, buscando aprimorar o controle sobre as respostas peculiares e discrepantes em indivíduos com autismo (Jesus *et al.*, 2023).

O Sistema de Comunicação por Troca de Imagens (PECS) foi desenvolvido em 1985 por Andrew S. Bondy e Lori Frost como um sistema de comunicação alternativo e complementar para indivíduos com TEA e distúrbios de desenvolvimento relacionados. Inicialmente aplicado no "Programa Autístico de Delaware", o PECS ganhou reconhecimento mundial devido ao seu foco na iniciação da comunicação. Este sistema não exige materiais complexos ou caros, sendo projetado para ser facilmente implementado por educadores, famílias e cuidadores em diversas situações (Silva; Pansera, 2023).

O PECS começa com o ensino de uma pessoa a entregar uma imagem de um item desejado a um parceiro de comunicação, que a aceita como um pedido. Em etapas subsequentes, o sistema ensina como distinguir imagens e combiná-las em frases. Posteriormente, os indivíduos aprendem a responder a perguntas e a fazer comentários. O protocolo de ensino do PECS é fundamentado no livro *Verbal Behavior* de B.F. Skinner, para ensinar operantes verbais funcionais de forma sistemática, utilizando dicas e estratégias de reforço para promover a comunicação independente. Não são utilizadas dicas verbais, garantindo uma iniciação imediata e evitando a dependência delas (Luz; Branco, 2021).

A Reorganização Neurofuncional Padovan foi criada por Beatriz Padovan, pedagoga e fonoaudióloga, que baseou seu método nas descobertas de Rudolf Steiner (fundador da educação Waldorf) e Temple Fay (criador da abordagem de reabilitação do sistema nervoso conhecida como Reorganização Neurológica), que descreveram as fases do desenvolvimento neuropsicomotor humano (Menezes *et al.*, 2019). Este método propõe que a reorganização neurológica é um estado fisiológico finalizado no ser humano por meio do desenvolvimento contínuo do sistema nervoso, ou seja, por meio do desenvolvimento neural individual. O Método Padovan é uma abordagem terapêutica de baixo custo que visa recapitular as etapas do desenvolvimento neural, com o intuito de ativar ou reabilitar o sistema nervoso, permitindo que o indivíduo atinja seu pleno potencial genético (Pereira *et al.*, 2022).

O Programa Son Rise, criado pelo *Autism Treatment Center of America*, em Massachusetts, EUA, é uma metodologia educacional eficaz para crianças com autismo, com excelente desempenho em diversos países. No início dos anos 1970, Barry e Samahria Kaufman, fundadores do programa, receberam o diagnóstico de autismo grave para seu filho Raun, que também apresentava um QI inferior a 30, sendo informado pelos especialistas que ele não teria chances de recuperação. O Modelo de Desenvolvimento do Programa Son Rise visa envolver os pais de maneira estratégica para apoiar indivíduos com atrasos no desenvolvimento, auxiliando-os na aquisição e aprimoramento de novas habilidades (Taveira; Clemente, 2021).

O método Floortime busca ajudar crianças com autismo a se tornarem mais atentas, ativas, flexíveis, capazes de lidar com frustrações, realizar procedimentos e comunicar-se tanto por meio do corpo quanto da verbalização. Quando a criança já está familiarizada com o PECS e a linguagem de sinais, o Floortime pode ser utilizado durante as atividades de ensino. No entanto, se a criança é iniciante nesses métodos, o Floortime não deve ser a abordagem inicial, pois seu foco não é o ensino, mas a exploração da espontaneidade, da iniciativa e da verbalização da criança. O objetivo principal é fazer com que a criança tenha prazer em aprender, transformando o Floortime em uma experiência divertida, alegre e lúdica, aproveitando as oportunidades do dia a dia para resolver problemas e se adaptar às mudanças (Dinis, 2023).

O método Montessori refere-se à teoria, práticas e materiais didáticos desenvolvidos por Maria Montessori, uma médica e educadora italiana. Para Montessori, o aspecto mais importante do método não é o material ou as práticas em si, mas a possibilidade que eles oferecem de liberar a verdadeira natureza do indivíduo, permitindo-lhe atingir sua autonomia por meio da interação com o ambiente. Esse processo envolve aprender de forma lúdica, possibilitando que o desenvolvimento da criança seja observado e compreendido. Montessori destacou que o desenvolvimento ocorre de acordo com planos de evolução, enfatizando conceitos como autoeducação, educação cósmica, educação como ciência, ambiente preparado, adulto preparado e criança equilibrada (Gonçalves, 2021).

O *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT), conforme Dereu (2021), é uma escala de triagem que pode ser usada durante consultas pediátricas para identificar sinais de autismo em crianças pequenas. Ferramentas de triagem são úteis para avaliar indivíduos que aparentam estar bem, mas que podem ter uma condição ou fator de risco para doenças, ao contrário daqueles sem sintomas evidentes. O M-CHAT é simples de administrar, não requer a presença de um médico e leva apenas alguns minutos para ser preenchido. Ele se baseia nas observações dos pais sobre o comportamento da criança, é de baixo custo, não exige agendamento prévio e não causa desconforto ao paciente.

O M-CHAT é uma versão expandida do CHAT, composta por 23 perguntas de sim/não, respondidas por pais de crianças de 18 a 24 meses que sejam alfabetizados e acompanhem o filho na consulta pediátrica. As primeiras nove perguntas do CHAT foram mantidas, enquanto as 14 questões adicionais foram criadas a partir de uma lista de sintomas típicos de crianças com autismo (Dereu, 2021).

A *Autistic Traits Scale* (ATA), desenvolvida por Ballabriga *et al.* (1994), foi criada a partir de uma análise dos aspectos mais relevantes da síndrome do autismo, com base em diversos instrumentos e na experiência clínica dos autores. Sua construção é principalmente fundamentada nos critérios do DSM III-R para diagnóstico. A escala foi desenhada para reunir uma série de critérios, embora, conforme relatado por Dinis (2023), sua abrangência seja bastante ampla e inespecífica, incluindo características que podem ser atribuídas a uma gama mais extensa de condições.

A ATA é uma ferramenta simples de utilizar, projetada para profissionais que lidam diretamente com a população autista. Embora não seja uma entrevista diagnóstica, a escala é um teste padronizado que permite traçar o perfil comportamental da criança com base em diferentes aspectos diagnósticos. Trata-se de uma avaliação observacional que possibilita acompanhar a evolução longitudinal dos sintomas autistas, sendo útil para a formulação de um diagnóstico confiável. Sua aplicação é realizada por meio de informações clínicas detalhadas sobre a criança, podendo ser utilizada a partir dos dois anos. Apesar de incluir muitos elementos específicos, o tempo de aplicação é relativamente curto, em torno de 20 a 25 minutos. No contexto brasileiro, o tempo médio de aplicação foi de aproximadamente 20 a 30 minutos (Gonçalves, 2021).

5 CONCLUSÃO

O presente estudo alcançou seus objetivos ao analisar a definição, os conceitos e as ferramentas da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) no diagnóstico e tratamento de casos de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi possível identificar que a adoção de instrumentos validados, como o ADI-R, ADOS e CARS, em conjunto com intervenções sistemáticas baseadas na ABA, apresenta um impacto significativo na detecção precoce e no tratamento do TEA. Essa combinação promove melhorias na funcionalidade e na integração social dos indivíduos diagnosticados, corroborando a hipótese inicial.

A revisão realizada destacou a relevância de práticas baseadas em evidências, as quais não apenas ampliam a precisão diagnóstica, mas também contribuem para o desenvolvimento de intervenções personalizadas, ajustadas às necessidades individuais dos pacientes. Entre os instrumentos analisados, a alta sensibilidade e especificidade do ADOS e a versatilidade do CARS se mostraram cruciais para a elaboração de diagnósticos detalhados. Além disso, a ABA, com suas dimensões fundamentais descritas por Baer, Wolf e Risley (1968), demonstrou ser uma abordagem eficaz para a modificação de comportamentos e para a promoção de habilidades funcionais em indivíduos com TEA.

O impacto dessas práticas na qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias reforça a necessidade de disseminação e implementação de protocolos validados no contexto brasileiro. Este estudo também ressaltou a importância de capacitações contínuas para profissionais da área, a fim de garantir a utilização correta dessas ferramentas e metodologias.

Por fim, destaca-se que o avanço na pesquisa e na validação local de instrumentos diagnósticos, aliado à aplicação de práticas fundamentadas na ciência comportamental, é essencial para reduzir lacunas existentes no diagnóstico e tratamento do TEA no Brasil, promovendo maior inclusão e autonomia para as pessoas afetadas.



REFERÊNCIAS

ALVES, Tessa Cristine; GANEN, Aline de Piano (orientador); CORRÊA, Fernanda Ferreira (coorientador). Análise do comportamento aplicada (ABA) e alimentação de crianças com transtorno do espectro autista: revisão integrativa e material instrucional. São Paulo, 2024. 135f. Dissertação (Mestrado em Nutrição do Nascimento à Adolescência) - Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2024.

AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-DSM-V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CANAL, Sandra; SILVA, Karla Fernanda Wunder. Refletindo sobre as intervenções para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: diferentes concepções. Revista Interdisciplinar de Saúde e Educação, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 112-130, 2022.

CARVALHO FILHO, Francidalma Soares Sousa et al. Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista: aspectos terapêuticos e instrumentos utilizados-uma revisão integrativa. Revista de Divulgação Científica Sena Aires, [S.l.], v. 8, n. 4, p. 525-536, 2019.

CHANG, Jung-Chi et al. Psychometric properties of the Mandarin version of the autism diagnostic observation Schedule-Generic. Journal of the Formosan Medical Association, v. 122, n. 7, p. 574-583, 2023.

DEREU, Mieke. Modified checklist for autism in toddlers (M-CHAT). Encyclopedia of autism Spectrum disorders, p. 2938-2943, 2021.

DINIS, Carlos. A metodologia TEACCH na perspectiva da literatura especializada. 2023. 356f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Instituto Superior de Ciências Educativas de Lisboa e Vale do Tejo, Lisboa, 2023.

FRIZZO, Rafaela Joaquim; FREIRE, Regina Maria Ayres de Camargo. O estudo de caso de uma criança cardiopata. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, p. e59111436016- e59111436016, 2022.

GONÇALVES, Patricia Lorena. A imagem mental e a construção do conhecimento: um estudo piagetiano sobre a cognição de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista. 2021. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

JENABI, Ensiyeh et al. The Screening Program for Autism Spectrum Disorders in the West of Iran. Current Psychiatry Research and Reviews Formerly: Current Psychiatry Reviews, v. 18, n. 2, p. 144-150, 2022.

JESUS, Francielle Rodrigues et al. Diagnóstico precoce e método TEACCH: Precursores da autonomia no autismo. Revista Científica Espaço Multiacadêmico, p. 105, 2023.

JUREK, L. et al. Resposta (mudança mínima clinicamente relevante) nos sintomas de TEA após uma intervenção de acordo com CARS-2: consenso de um procedimento de elicitação de especialista. Eur Child Adolesc Psychiatry, [S.l.], 2021.

KARLOV, Lisa et al. A Preliminary Trial of an Early Surveillance Program for Autism and Developmental Delays within General Practices. Journal of Developmental and Physical Disabilities, p. 1-11, 2024.



LUZ, Francisca Wérica Teixeira; BRANCO, Aracy Teresa Castelo. A contribuição da comunicação alternativa PECS-(método por troca de figuras) na comunicação funcional de crianças autistas. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, p. e33210111798- e33210111798, 2021.

MENEZES, Maria Isabelle das Neves et al. Avaliação dos efeitos do método Padovan® no desenvolvimento neuropsicomotor de crianças com microcefalia: série de casos. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, [S.l.], n. 34, 2019.

MONTENEGRO, Maria Austa; CELERI, Eloisa Helena RV; CASELLA, Erasmo Barbante. *Transtorno do Espectro Autista-TEA: manual prático de diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Thieme, 2018.

NAMUR, Victor Santos. Evidências de efetividade de uma capacitação de profissionais de saúde mental no uso da Cronograma de Diagnóstico Observacional do Autismo (ADOS). 2019. 85f. Dissertação (mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Arlete Bulhões Cavalcanti Madeiro; MARTINS, Beatriz Miranda; FACHIN, Laercio. Impacto da intervenção precoce no desenvolvimento de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão de escopo. *Brazilian Journal of Health Review*, [S.l.], v. 7, n. 5, p. e73671-e73671, 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *ICD-11 Application Programming Interface (API)*. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/icdapi/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

PEREIRA, Lilianny Medeiros et al. Método padovan® de reorganização neurofuncional como abordagem terapêutica no transtorno do espectro autista: uma série de casos. *Transtorno do espectro autista: concepção atual e multidisciplinar na saúde*, p. 258, 2022.

PONTES, Alessandra Nascimento. *Agrupamentos de características clínicas e sociodemográficas de alunos com o Transtorno do Espectro Autista*. 2022. 96f. Tese (Doutorado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

SELLA, Ana Carolina; RIBEIRO, Daniela Mendonça. *Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista*. Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, Graciane Barboza; PANSERA, Ana Claudia. Sobrecarga, Ansiedade e Depressão em Cuidadores de Crianças no Transtorno do Espectro Autista: Um estudo de correlação. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, v. 11, n. 3, 2023.

SOUSA, Deborah Luiza Dias de et al. *Análise do comportamento aplicada: a percepção de pais e profissionais acerca do tratamento em crianças com espectro autista*. *Contextos Clínicos*, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 105-124, 2020.

TAVEIRA, Leonardo da Silva; CLEMENTE, Alida Mariele Santos. A utilização do método Son- Rise na intervenção psicopedagógica com crianças autistas. *Caderno Intersaberes*, v. 10, n. 29, p. 96-110, 2021.